

RE(COR)NHECER: OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PRETA

Izabele ZASSO¹

Mariana KOLBEN²

Leonardo Vinicius OLIVEIRA³

izabele@fag.edu.br

RESUMO

O Brasil é ainda hoje, um país estruturalmente racista, o qual delega ao sujeito negro, espaços marginalizados e muitas vezes, desumanizado de existência, sabendo disso, torna-se importante a discussão acadêmica desse assunto, que não deve esgotar-se, muito menos ser deixado de lado, nem pela academia, nem pela sociedade. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho foi o de analisar as possíveis incidências psíquicas causadas pelo racismo na constituição de uma identidade negra. Ademais, a metodologia utilizada envolveu uma entrevista semiestruturada, realizada com três indivíduos maiores de dezoito anos, autodeclarados negros, selecionados pelo método de acessibilidade e conveniência. Assim, com a análise dos resultados possibilitou-se alcançar o objetivo da pesquisa. Realizou-se uma análise de discurso, sob a perspectiva psicanalítica, compreendeu-se que o racismo exerce de diversas formas uma pressão no psiquismo, do sujeito negro, que tem sua individualidade atravessada o tempo todo por tentativas de embranquecimento, as quais minam a sua imagem do eu. Portanto, a partir dos resultados obtidos, sugere-se que outros estudos sejam feitos e que possam aprofundar as questões aqui levantadas, considerando-se aspectos socioeconômicos que não foram explorados dentro desta pesquisa.

Palavras-chave: Racismo; Psicanálise; Identidade; Psicologia Social, Antirracismo

¹ Psicóloga graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). E-mail: izabele@fag.edu.br

² Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG) - Cascavel, PR. E-mail: mkolben@minha.fag.edu.br

³ Acadêmico do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG) - Cascavel, PR. E-mail: leonardovine10@gmail.com

RECOGNIZE: THE CHALLENGES OF BUILDING BLACK IDENTITY

Izabele ZASSO⁴
Mariana KOLBEN⁵
Leonardo Vinicius OLIVEIRA⁶
izabele@fag.edu.br

ABSTRACT

Brazil is still a essentially racist country, which delegates to the black subject marginalized and often dehumanized spaces of existence. On account of this, the academic discussion of this subject becomes important, which should not be exhausted or left out, neither by academia nor by society. To start with, the objective of the present work was to analyze the possible psychic incidences caused by racism in the constitution of a black identity. Then the methodology of the work was a semi-structured interview performed with three people over eighteen years, self-declared black, selected by the accessibility and convenience method. And with the analysis of the results, it was possible to achieve the objective of the research, from the psychoanalytic perspective. As also to understand that racism puts pressure on the psyche of the black subject in different ways, whose individuality is crossed all the time by attempts at whitening that undermine the image of self. In conclusion based on the results obtained, it is suggested that other studies be carried out that can deepen the issues raised here, considering socio-economic aspects, wich were not explored within this research.

Key words: Racism; Psychoanalysis; Identity; Social Psychology, Anti-Racism.

⁴ Psicóloga, graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). E-mail: izabele@fag.edu.br

⁵ Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG) - Cascavel, PR. E-mail: mkolben@minha.fag.edu.br

⁶ Acadêmico do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG) - Cascavel, PR. E-mail: lvoliveira@minha.fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O racismo, que se constitui como estruturante de nosso laço social, afeta a vida de todos os sujeitos, impactando na forma como a identidade, principalmente de pessoas pretas, é construída. Partindo desse ponto, a pesquisa aqui apresentada, realizada no ano de 2022, apresentou como assunto quais as possíveis incidências psíquicas do racismo, que impactam na constituição de uma identidade preta sob o viés psicanalítico. Desse modo, os objetivos específicos foram: analisar as possíveis incidências psíquicas causadas pelo racismo para a constituição da identidade negra, descrever de que forma a política do embranquecimento atravessa individualmente a constituição do corpo negro, compreender a dimensão identificatória do indivíduo e investigar a dimensão narcísica deste em questão.

Sob essa perspectiva, esse trabalho se justifica tanto do ponto de vista acadêmico quanto do social, se primeiramente analisarmos as informações trazidas pela agência de notícias do IBGE de 2018, que revelam que o Brasil ainda está muito distante de ser considerado uma democracia racial. No que se refere aos impactos na saúde mental de negros no Brasil, segundo a pesquisa do Ministério da Saúde (BRASIL, 2017), adolescentes negros têm maior chance de se suicidarem no Brasil, o risco da faixa etária de 10 a 29 anos cresceu para 45% dos jovens negros em relação aos brancos. No ano de 2009, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010), instituiu uma Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Essa política tem por objetivo garantir a saúde integral da população negra brasileira, tendo como prioridade a diminuição das desigualdades raciais, o combate ao racismo e a discriminação e preconceito nas instituições e serviços do SUS. Ressalta-se que é uma forma de tentar promover equidade e garantir direitos aos negros.

Tendo em vista esses dados e compreendendo o porquê de serem racistas, compreende-se que pessoas negras são, no geral, marginalizadas e afastadas do acesso a serviços básicos, como os de saúde por exemplo, é importante analisar como esses fatores impactam na construção da identidade. Para o autor Ciampa (1999), a identidade é constituída dentro da sociedade, que molda ao mesmo tempo que é moldada pela individualidade de cada pessoa, sendo assim, a identidade não é só uma questão científica, mas também uma questão política.

Convém salientar que, os dados citados vão além de mera estatística e impactam diretamente a vida de milhares de pessoas pretas, pois demonstram o quanto essa população ainda é segregada e marginalizada, em consequência a isso, a identidade negra tem seus próprios desafios na sua construção, haja vista que lida diretamente com um preconceito social enraizado.

Nesse sentido, Munanga (2010) traz à discussão sobre racismo uma visão bastante clara, segundo o autor a diferenciação entre o “nós” e os “outros” é o ponto inicial de todo o tipo de preconceito racial. Em suas palavras, aponta que uma sociedade como a do Brasil abriga diversas culturas, classes sociais, sexos, gêneros e todo o tipo de diferenciação, que estão engendradas pelo preconceito. Além disso, Júnior (2019) postula que o racismo é um fenômeno multifacetado, inclui fatores históricos, sociais, econômicos, geopolíticos, culturais e políticos que se manifestam de forma a diminuir ou excluir do outro a possibilidade de uma vida digna. Esse fenômeno foi sendo constituído durante a história social e seu modelo foi dado pelo homem branco europeu, fazendo assim, com que aqueles que não possuíam essas características europeias fossem considerados os outros da relação social, afastados do convívio. Segundo o autor “Os olhos do homem branco destroçaram o corpo do homem negro e, nesse ato de violência epistemológica, seu quadro de referência foi transgredido, seu campo de visão, perturbado”. (JÚNIOR, 2019, p. 163).

Sobre o apagamento da identidade negra, o autor Hall (2006), retrata em sua obra que definir uma identidade é um processo complexo e árduo para se concluir seguramente. Conforme suas enunciações, há uma crise de identidades ocorrendo. As velhas individualidades que por muito tempo foram estáveis perante a sociedade, estão passando por um declínio, abrindo espaço para surgirem novas identidades e assim então, o indivíduo que está inserido na modernidade líquida⁷ se fragmenta, deixando de ser um indivíduo totalmente unificado.

O corpo negro, para Nogueira (1998), vai além do biológico, ele é afetado em diversas áreas da vida da pessoa: religião, escola, família, classe, cultura etc. O corpo também cumpre uma função ideológica, que segundo a autora, funciona como uma garantia da integridade da pessoa. As características físicas da pessoa negra, segundo o autor Gomes (2003) carregam em si parte de sua identidade, por serem características destacadas no corpo, como o cabelo, nariz e a cor da pele, por ser também através destes atributos que as pessoas pretas se identificam em um grupo. Em consonância com as ponderações de Costa (2018), o corpo

⁷ Modernidade líquida foi um termo proposto por Bauman, que propõe que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, maleáveis e delicadas, como os líquidos. (BAUMAN, 2001).

negro carrega ainda hoje, marcas do período de escravidão, onde seus direitos foram negados e violados, colocados discursivamente em lugares subalternos e de menor valor. Essa imagem que foi criada é uma concepção do corpo negro, associada a uma ideia de perversão e perversidade do negro, uma tendência a marginalidade e ao banditismo, além de uma visão da população negra, relacionada necessariamente a pobreza. Para a psicanalista negra Neusa Souza Santos (1983) durante o processo de escravidão e após a abolição, tendo apenas uma visão submissa de si mesmo, o negro teve de tomar o homem branco como único modelo para si, tendo em vista algum tipo de elevação social, sendo assim, teve que “abandonar” a sua identidade para que pudesse ser de alguma forma aceito socialmente.

A política de negação do corpo negro, muitas vezes é disseminada pelos próprios membros da comunidade negra, nesse sentido, a política de branqueamento faz com que negros adotem padrões estéticos e culturais brancos para que assim possam ser aceitos no corpo social. Uma das formas sociais de perpetrar o racismo é a política do embranquecimento, que se estabelece dentro das instituições sociais desde o fim do período de escravidão e não é a única ferramenta do Estado para perpetrar os efeitos do racismo, porém se constitui como a ferramenta mais comum e sutil. (MAIA E ZAMORA, 2018).

A partir do exposto, fica evidenciado o impacto do fenômeno do racismo na vida e nas experiências de pessoas pretas, e junto a isso, é perceptível a necessidade de falar sobre esse tema no âmbito acadêmico, dando voz a aqueles que já falam sobre o racismo e suas incidências dentro das relações sociais, compreendendo o âmbito das pesquisas acadêmicas como palco necessário para esse debate.

2 MÉTODOS

A pesquisa se caracteriza do ponto de vista de natureza básica e quanto a abordagem do problema se caracterizou como qualitativa e em relação aos seus objetivos, ela é caracterizada como exploratória.

O público desta investigação foi constituído por 03 pessoas com idades entre 18 à 30 anos, sendo destes, duas mulheres e um homem, que contemplaram os seguintes critérios de inclusão: os indivíduos se autodeclararam negros e que utilizam a língua portuguesa. Como critério de exclusão: o não domínio dos indivíduos da linguagem falada, por conta da falta de conhecimento dos pesquisadores na linguagem brasileira de sinais. O recrutamento destes

indivíduos se deu por acessibilidade e conveniência, sendo divulgado por meio das redes sociais e os interessados que se identificaram com a pesquisa foram entrevistados.

O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada que continha quatorze (14) questões que se relacionam com os objetivos específicos da pesquisa. Sendo algumas das perguntas: “Em que momento você se enxergou como uma pessoa negra/preta? Como foi esse momento?”, “O racismo te trouxe consequências psicológicas? De que forma?”, “Como é para você habitar num corpo negro/preto numa sociedade racista?”, “De que forma você percebe seu corpo e sua cor?” e “Como foi para você se identificar como negro/preto?”.

Em síntese, os dados obtidos na pesquisa foram analisados através da *Análise de Discurso*, por levar em consideração que a construção de uma identidade é um processo complexo e subjetivo de cada um e com auxílio da teoria psicanalítica. A análise do discurso, de acordo com a autora Orlandi (2005), é uma forma de buscar compreender como a linguagem dá sentido ao campo simbólico, como parte do participante, de sua história e de como o constitui, pois é através da análise do discurso que é possível compreender como a linguagem serve de mediadora entre indivíduo e a realidade.

3 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada com um total de 03 pessoas, que cumpriam os requisitos para a participação da investigação proposta. A primeira entrevista teve duração de uma hora, na segunda entrevista a duração foi de 38 minutos e 50 segundos e 45 minutos e 49 segundos da terceira e última participante. Para a garantia do sigilo e preservação da identidade verdadeira dos participantes, foram utilizados nomes fictícios. Sendo então a primeira entrevistada chamada por Ruby Bridges⁸ (30 anos), o segundo entrevistado foi chamado de Bayard Rustin⁹ (27 anos) e a terceira Rosa Parks¹⁰ (24 anos).

3.1 ANÁLISE DO DISCURSO DE RUBY BRIDGES

⁸ Referência ao nome da ativista norte-americana, ficou conhecida mundialmente por ser a primeira criança negra a estudar em uma escola de ensino fundamental caucasiana.

⁹ Referência ao nome do ativista norte-americano, popularmente conhecido por liderar a luta pelos Direitos Civis de negros nos EUA e por defender os direitos LGBT's.

¹⁰ Rosa Parks (1913-2005) foi uma ativista do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. No dia 1 de dezembro de 1955, Rosa entrou para a história por se negar a ceder a um branco o seu assento em um ônibus em Montgomery, no Alabama.

Que sujeito desejante é o negro, que vê no seu equipamento para satisfação do desejo, o corpo, desde já um entrave — sua cor? Um corpo que é a negação daquilo que deseja, pois seu ideal de sujeito, sua identificação, é o inatingível — o corpo branco (NOGUEIRA, 1998, p. 79).

Ruby (nome fictício da primeira entrevistada) trouxe em seu discurso sobre os padrões de beleza: *“as meninas que eu convivia eram sempre muito mais bonitas do que eu, porque elas eram um padrão [...] As minhas amigas não têm culpa de terem nascido loirinhas dos olhos azuis”*. Com essa fala, considera-se uma questão em relação a seu corpo e aos padrões sociais de beleza, durante seu discurso, em diversos momentos a mesma relatou tentar se encaixar aos padrões de alguma forma.

No decorrer de toda a entrevista, Ruby comparou a sua beleza com a de pessoas dentro do padrão social (geralmente brancas), sendo definido pela mesma como padrão a aparência da mulher loira de olhos azuis: *“eu nunca atenderia aos padrões, então eu sempre seria a mais feia ou a menos bonita, isso eu carrego até hoje, sabe?”*. Em relação a esse estereótipo, esta refletiu durante seu relato, que desde pequena tentou se adequar a este padrão, mas que hoje em dia lida com o sofrimento de não poder alcançar esse estereótipo de beleza.

Historicamente, o corpo feminino sempre foi alvo de retaliação, o padrão de beleza é por muitas vezes tido como inalcançável, pois suscita na mulher aquilo que ela não é. A autora Del Priore (2009), pontua que a identidade do corpo feminino é a harmonia entre a tríade beleza/saúde/juventude. Sob influência da mídia, cada vez mais as mulheres se colocam a serviço de seus corpos, tornando a beleza como um sinônimo distorcido de juventude e juventude sinônimo de saúde.

Durante seu relato, Ruby pontuou sobre suas experiências ao tentar atingir esse tão falado padrão:

“Eu usava maquiagem dos outros, que horas que vai ficar igual? Vai ficar bonito? Não vai né gente? Não tem como, então ficava aquela mancha, aquele rosto horroroso branco pro resto do corpo. Só que tudo bem, entendeu? No espelho ali na minha inocência, eu tava mais bonita, eu tava mais padrão. Já comprei lente de contato azul, pra ficar com o olho azul”. (RUBY, 30 anos).

Essa descrição dada por ela, do olho azul e da pele clara, faz alusão a aparência de seus familiares, descrita por Ruby:

“Eu sou filha adotiva numa família caucasiana, então, a minha mãe é uma senhora castanha dos olhos verdes e meu pai é um homem, também... pele clara assim, dos

olhos verdes. E eu tenho dois irmãos que são loiros dos olhos azuis e dos olhos verdes”. (RUBY, 30 anos).

Freud (1914/2010) destaca em sua obra sobre o “*Eu ideal*”, que este é constituído a partir das figuras parentais, as quais projetam no bebê uma imagem idealizada. Sendo assim, o eu ideal é um efeito do discurso dos pais, que pela criança ser apaixonada, abdica de qualquer forma de uma consciência crítica para se adequar a essa imagem idealizada. Essa necessidade em se assemelhar a um outro. Já o ideal do eu, é a instância que estrutura o sujeito, é simbólico e se apresenta no lugar do discurso. Essa realização do ideal do eu, é uma exigência do supereu. Ao ser incapaz de cumprir com esse ideal do eu, o sujeito busca seu caminho em retorno ao narcisismo.

Essa fala de Ruby que pode demonstrar um desejo em assemelhar-se aos pais, pode representar um elemento narcísico na constituição de sujeito, esse elemento narcísico pode ser visto como um sentimento de culpa e/ou inferioridade. O sentimento de culpa e/ou de inferioridade, para Souza (2021), é visto como uma tensão entre o eu e o ideal do eu. De acordo com a autora, o ideal do eu para o negro, é o de ser branco. Com isso, o negro é submerso a uma ideologia imposta de que o branco possui valor, como um ideal a ser atingido. Sendo assim, esse ideal do eu é estruturado pela dupla opressão de classe e cor. Sobre o ideal do eu do negro, a autora ainda salienta que: “O negro que elege o branco como ideal do eu, engendra em si mesmo uma ferida narcísica, grave e dilacerante, que, como condição de cura, demanda ao negro a construção de um outro ideal do eu” (SOUZA, 2021, p. 77).

A autora Nogueira (1998) traz em discussão que a cultura construiu uma categoria “negro”, enquanto um signo e impõe ao negro uma luta, a tentativa de se assemelhar ao indivíduo branco em uma tentativa de se reconhecer em um “nós”.

Em relação a essa tentativa em se assemelhar a esse padrão como dito anteriormente por Nogueira, Ruby destaca esse sentimento de tentativa em se encaixar:

“Pra você ser uma negra bonita você tem que ser magra, ou tem que ser alta, ou tem que ter um corpo bonito ou seu cabelo... até pode ser cacheado, mas ele tem que ser um cabelo cacheado de tal tamanho ou de tal jeito que aí é bonito, fora isso... Nem dentro daquilo que você efetivamente é, você consegue se encaixar”. (RUBY, 30 anos).

Pode-se observar que há o sentimento da falta de pertencimento da pessoa negra. Segundo Oliveira (2013), vem de séculos de exclusão e de uma educação duvidosa,

principalmente a ligada à escola, que ensina às crianças desde o início do ensino, que africanos e seus descendentes se limitavam puramente a condição de escravos, carentes de cultura, sabedoria e raízes próprias. Essa falta de pertencimento, suscita na pessoa negra a solidão, essa solidão é relatada por Ruby: *“Eu acho que o primeiro choque é esse, a solidão né? De você não ter com quem se identificar, o segundo é você nunca estar...nunca tá bom, quem você é nunca é suficiente [...] essa solidão e esse medo de nunca ser suficiente”*. (RUBY, 30 anos).

Essa solidão descrita por Ruby, pode ser vista como uma falta de reconhecimento da pessoa negra, não sendo validado o que a pessoa negra faz. Como Ruby é filha de um casal de pessoas caucasianas, essa solidão parece aparecer por conta da falta de contato com outras pessoas negras, não pertencendo a nenhum grupo social, que não seja o de pessoas brancas com quem tem contato.

Em relação ao seu processo de identificação como uma mulher negra, em alguns momentos Ruby demonstrou dificuldades em se identificar, por algumas vezes se caracterizou como morena, tinha adversidades em usar a palavra negra para falar de si: *“Porque eu precisava ter esse corpo bonito pra ser aquela morena do estereótipo, aquela negra do estereótipo [...] a Beyoncé é morena tipo eu, uma negra tipo eu”*. Quanto a essa fala de Ruby em relação a forma de definir a sua cor, Souza (2021) aborda a respeito de como o corpo é um dos componentes fundamentais para construção da própria identidade, sendo a identidade do sujeito dependente da relação que ele cria com seu corpo. Ademais, essa imagem que o sujeito cria de si é baseada em uma experiência de dor que o corpo lhe obriga a sentir, sendo então uma forma de extinguir essa dor o ato de não se denominar negra, mas morena.

Em certos momentos quando relatava sobre as pessoas negras em geral, utilizava dos pronomes “eles” e para falar de si “a gente” (esse a gente pode ser entendido como os brancos): *“A gente ajuda bastante os haitianos, né? [...] Porque eu estou um pouquinho melhor, talvez eu não vá transformar a realidade deles como um todo, né? Mas... tentar me colocar e entender o que eles precisam, né?”*. Com relação a isso, Nogueira (1998) ressalta que há uma falta de harmonia entre o corpo físico propriamente dito e a imagem corporal que o sujeito carrega sobre si, que é expressa quando o indivíduo negro idealiza em si mesmo uma imagem de seu corpo que não corresponde ao seu próprio esquema corporal. Isso acontece, pois oferece ao negro a falsa sensação de universalidade, de pertencimento à espécie humana. A autora Silva (1995, p. 20) ressalta que para o indivíduo construir uma identidade negra, faz-se necessária desconstruir as ideologias que são impostas historicamente, que atingem de

maneira cruel a população negra, cujas são descritas pela autora como um processo de liberdade “[...] a busca por si, passa pela busca da consciência. Somente através da consciência do que eu sou, posso ser livre. O negro para ser dono de si, necessita “tornar-se negro”, ter consciência da própria negritude”.

Então, pelo contexto relatado por Ruby, pode-se refletir sobre essa dificuldade em reconhecer-se realmente como negra, por conta de não estar inserida em nenhum grupo de pessoas com a mesma etnia que a sua, sendo majoritariamente inserida em grupos de pessoas brancas, em destaque sua família adotiva, sendo sempre citada pela entrevistada as características físicas de seus familiares: *“Eu não tinha um irmão parecido comigo, os meus irmãos eles se parecem muito entre eles, sim, são filhos do meu pai e da minha mãe, óbvio que eles vão se parecer, né? Mas assim, eu não tinha um irmão que era parecido comigo”*.

Em contrapartida, a autora Silva (1995) fala um pouco mais sobre o processo de se identificar como negro:

“O primeiro passo a ser dado pelo negro na descoberta de si mesmo, de sua identidade, é a busca de sua imagem refletida nos sujeitos de seu grupo, reconhecendo-os primeiramente como iguais. O segundo passo é [...] o negro conscientizar-se de seu valor, através da crítica à sua representação social. Em seguida este negro deve ocupar de fato, o lugar que lhe pertence por direito na sociedade: o lugar de um sujeito histórico que se constrói passo a passo, a cada dia. (SILVA, 1995, p. 98).

Ruby também relatou sobre sua situação familiar e econômica:

“[...] eu estou numa situação confortável porque eu cresci numa família com dinheiro [...] uma família que tá num nível socioeconômico muito melhor do que a minha família biológica [...] Como eu cresci em uma família com dinheiro, estudei em colégios melhores, eu me visto um pouco melhor, eu tenho uma profissão um pouco melhor, digamos”. (RUBY, 30 anos).

Por conta da adoção, sua vida contou com certo privilégio socioeconômico, como é relatado por ela, o que faz com que Ruby tenha uma percepção diferente sobre o racismo como ela descreve: *“eu sou fruto de um processo econômico, não racial e nunca vai ser [...] o racismo é um rolê assim, puramente... como é que eu vou dizer pra vocês... é puramente... não é pessoal, ele é estrutural, mas não me afeta, mas porque eu tenho dinheiro”*.

Nessa fala, Ruby aborda a respeito de como o racismo não a afeta diretamente por conta do dinheiro. Podemos diagnosticar que, como Ruby pode estar reproduzindo um discurso racista, na medida em que carrega na sua fala que apenas brancos podem possuir

riquezas ou que ao possuir dinheiro, não sofreria racismo. Podemos relacionar com isso, o fenômeno de negação criado por Freud (1925/2020), que diz respeito a um modo de tomar consciência do que foi recalcado, agindo como uma suspensão. Para Freud (1925/2020, p.307) “negar algo significa basicamente: isso é alguma coisa que eu preferiria recalcar”. No caso da entrevistada, quando ela diz “não me afeta”, se formos seguir o que o autor Freud fala a respeito da negação, Ruby estaria querendo dizer “me afeta, mas não quero admitir isso”, é um sofrimento que não é recalcado ao inconsciente, que é sentido, contudo, para evitar maiores dores, o sujeito acaba por negá-lo.

Concomitantemente, em seu discurso, é possível compreender que o racismo acaba ficando em segundo plano, utilizando-se da posição social e do privilégio para que o peso do racismo seja amenizado. Quanto a isso, a autora Rufino (2002), reflete acerca desse tema referente a adoção de crianças negras a famílias caucasianas, além do preconceito que a família é exposta, as crianças negras por conviverem na maioria das vezes com pessoas brancas, não conseguem desenvolver uma identidade negra que seja positiva para si mesma, o que acaba por confundir as identidades e desenvolver na criança negra um conceito negativo de si, levando a desejar e/ ou acreditar ser branca. A autora também fala a respeito das famílias brancas, que seria necessário que fossem cuidadosamente treinadas e acompanhadas para que possam transmitir à criança negra a habilidade e as raízes culturais que ela precisa para lidar na prática com o racismo na sociedade. Com a falta disso, a criança pode crescer com a incapacidade em se relacionar com a população negra, e ao mesmo tempo, experimenta a rejeição da sociedade branca.

Desse modo, essa falta de conhecimento da família adotiva da identidade da criança negra, é perceptível no discurso de Ruby, que fala a respeito de como o seu cabelo afro era visto em sua família:

“Quando eu tinha uns 07, 08 anos, a minha mãe também, não é culpa dela né? É culpa de como a gente vive, viveu. Então assim, minha irmã como ela é loirinha e tem o cabelinho lisinho, o corte que você fizer no cabelo dela fica, é um cabelo liso natural, no meu cabelo tem cortes que você não pode fazer, que não dá, não tem como, fica um horror. Porque o cabelo é mais pesado, ele é mais grosso, ele tem mais... Mas tudo bem, ele é assim. Só que a minha mãe não sabia disso, ela não tinha como saber, então gente... tinha umas épocas que o meu cabelo era uma coisa assim horrorosa mas muito feio, muito feio. Mas porque tadinha, a minha mãe também não sabia, entende?”. (RUBY, 30 anos).

Logo, a entrevistada tem essa percepção de que alisava seu cabelo por conta da falta do conhecimento da mãe em como cuidá-lo, de acordo com ela, a mãe sabia cuidar do cabelo

de sua irmã mais velha, que era liso, mas o seu cabelo afro, na sua infância, não havia a informação de como cuidá-lo: *“Então assim, durante muitos anos eu alisei meu cabelo e eu gastava muito dinheiro [...] Foi o único jeito que a coitada da minha mãe também achou”*.

Nesse discurso, por diversas vezes a entrevistada denomina seu corpo como feio e horroroso, isso é visto por Souza (2021) como um traço da violência racista, desse modo, o sujeito negro influenciado pelo ideal de embranquecimento, se força ao desejo de destruir os sinais de cor de seu próprio corpo. Então, sob perspectivas da autora é entendido o quanto o racismo impacta na identidade do negro, que abdica de suas tradições culturais, seus próprios desejos e seu corpo, a fim de se reconhecer como algo.

E Ruby reforça essa teoria em certo momento em que reflete acerca de seu corpo atualmente: *“O cabelo você vai lá, corta e alisa e faz escova, faz o que você quiser no meu cabelo né? [...]. Mas a minha pele não vai mudar”*. Nas considerações de Costa (1986), este reflete sobre o impacto causado pelo racismo a partir do momento em que o negro toma consciência desse sofrimento, o sujeito controla, observa, vigia o corpo que é visto como oposição a construção da identidade branca em que foi coagido a desejar. Essa perseguição ao próprio corpo resulta em um sentimento de amargura, desespero e revolta do sujeito que é resultado da diferença que o branco exerce, trazendo ódio ao corpo negro.

Com isso, o racismo se esconde através da repressão ou da persuasão, levando o sujeito a desejar e invejar, projetando um futuro identificatório, que é antagônico ao corpo real e a sua própria história étnica. Desse modo, o ideal identificatório do negro se converte em um ideal de retorno ao passado, onde o negro vive com o sentimento de que poderia ter sido branco, ou uma projeção no qual seu corpo e identidade negra deverão de fato, desaparecer. (COSTA, 1986).

3.2 ANÁLISE DO DISCURSO DE BAYARD RUSTIN

[...] E tem momentos que é melhor fingir moço. Fingir que não se sabe, que não se tem consciência e continuar vivendo na ilusão... o senhor tá me entendendo? Fingir já faz parte da minha forma de resistir, da minha vida. Tantos fingem que eu não existo que eu não tenho direitos, que eu sou isso, que sou aquilo... Vivemos num mundo de muito fingimento moço. Fingir minha cor é apenas mais um fingimento entre tantos fingimentos que nos trazem tanta dor (trecho da crônica: “Qual é a sua cor?” ROCHA, 2009, p. 01).

Em relação ao seu processo identificatório, Bayard (segundo nome fictício do entrevistado) fala a respeito da terminologia da palavra negro:

“Eu me identifico como uma pessoa preta, né e não uma pessoa negra [...] sempre o negro é visto como algo obscuro né, como algo tipo maligno, algo ruim né. Então eu sempre vi esse lado negro como essa, essa denominação, algo negativo. Então eu prefiro ser [...] chamado de preto né”. (BAYARD, 27 anos).

Essa escolha em utilizar o termo preto, pode ser interpretada de acordo com Sansone (1996) como uma forma de proteção, a pessoa se denomina de acordo com a maneira em que se sente mais confortável, isso pode acontecer por conta do ambiente em que a pessoa vive, o vocabulário das pessoas próximas e das próprias vivências, sendo então algo que o indivíduo acaba escolhendo conforme o que lhe proporciona mais conforto.

Nas proposições de Bayard, este traz em seu discurso a dificuldade em se identificar: *“porque assim, pra mim foi difícil né, compreender que eu era uma pessoa preta, porque assim é tão não trabalhado com isso que a gente acaba não se percebendo”*. Nessa fala, ele comenta o fato de não ser discutido sobre a identidade negra no cotidiano. A autora Silva (2016) colabora citando que, historicamente, não houve nenhum destaque acerca de estudos identitários de negros, o negro era descrito em obras literárias como um sujeito forte, todavia com pouca inteligência, não havendo outro destaque senão o na posição de escravo.

Essa questão apontada pela autora sobre como o negro é descrito em obras literárias, é também apontada por Bayard: *“ah, o preto é bonito, é alto, tem corpo, mas não tem cabeça, não tem cérebro, não pensa, enfim. Então eu sinto que as pessoas pensam isso de mim, sabe?”*. Nesse caso, não se trata apenas de uma questão da literatura, entretanto, trata-se de uma sociedade que reproduz diariamente o discurso racista e diminui a pessoa preta para minimizá-la.

Por conta disso, Bayard fala a respeito de como sentiu que precisava se modificar para estar próximo das pessoas brancas:

“Eu acho que a gente vai se modificando também porque a gente vai colocando o outro como exemplo pra nossa vida, né? [...] justamente por frequentar um espaço onde tem mais pessoas brancas, até pra tentar se igualar né, se reconhecer no outro também acho que é isso”. (BAYARD, 27 anos).

Quanto a essa fala, nos questionamos a respeito da etimologia da palavra “escravo” e de acordo com o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, escravo significa “Aquele que vive em absoluta sujeição a outrem” (FIGUEIREDO, 2010, p. 801). Nesse ínterim, Bayard traz questões relacionadas à falta de reconhecimento do outro e uma sujeição a esse outro. Com relação a isso, Lacan (1978/1985) detalha mais a respeito da importância do Outro e do papel

da linguagem, o autor fala sobre como o indivíduo se constitui a partir de um ideal do Outro, se vendo no espaço do Outro. É através disso que a pulsão se manifesta, o sujeito tem a incerteza que se deve ao fato de ser dividido pela linguagem. A linguagem atravessa o corpo, determinando que o sujeito só se sente sujeito ao sujeitar-se no campo do Outro.

Ele também fala a respeito da escravidão e do que pensa a respeito:

“Pessoas pretas tem essa base histórica, mas eu queria que não tivesse tido essa base histórica, que não tivesse tido a escravidão, pra gente ser colocado em uma caixinha enquanto pessoa preta, enquanto pessoa negra, enquanto pessoa parda, só uma pessoa, é simplesmente uma pessoa”. (BAYARD, 27 anos).

Além disso, Bayard reflete acerca das consequências de se submeter a essa sujeição ao outro:

“a impressão que dá quando você se percebe no outro é que falta uma peça em você né, falta cultura, falta não ser um profissional medíocre que muitas das vezes, a cor impõe [...] falta alguma coisa, não sou um profissional completo, não tenho base pra falar de determinado assunto, não sou levado em consideração”. (BAYARD, 27 ANOS).

A essa fala, é possível associar quanto ao “Estádio do Espelho”, fenômeno desenvolvido por Lacan (1966/1998), que à priori, o bebê não se reconhece ao olhar seu reflexo no espelho, em seguida, reconhece o outro, ao invés de si mesmo e em sua última fase, o bebê é capaz de reconhecer no reflexo sua própria imagem. É importante salientar, que quanto a isso, o bebê só consegue se reconhecer, com o auxílio materno, o olhar materno confirma ao bebê o que ele vê.

A autora Rosa (2021), associa o Estádio do Espelho ao racismo, assim como a criança depende do olhar materno, é também pelo olhar do Outro que o indivíduo se percebe, esse acontecimento pode trazer o sentimento de intensa angústia para a pessoa preta, pois a imagem que o sujeito constrói de si mesmo é vista como incompatível com a representação de certos papéis sociais, que são reservados a pessoas brancas.

Com essa falta de protagonismo dos pretos, Bayard também destacou sobre o sentimento de invisibilidade: *“eu acredito que falta oportunidade, falta espaço é... falta, local de fala né, falta ouvir, acho que é isso [...] né, então é isso, falta de espaço.”* E posteriormente, a essa fala, trouxe a respeito do racismo e de como impacta em sua vida:

“[...] eu acho que o racismo tá nas redes sociais, tá na tevê, tá na relação, está na faculdade, está em tudo quanto é espaço, nossa me atrapalha as vezes na maneira

de eu não me reconhecer enquanto pessoa, não me reconhecer enquanto alguém bom né, que faz aquilo bem [...] a estabelecer vínculos com outras pessoas, frequentar espaços diferentes, ser reconhecido, ganhar mais”. (BAYARD, 27 anos).

Convém ressaltar que, há variados fatores que colaboram com o sentimento de invisibilidade de pretos, para Giron e Radünz (2012) esses fatores são sociais, econômicos e estéticos, mas em geral são culturais. O resultado dessa invisibilidade, para os autores, pode conduzir a nefastos processos, como o sentimento de abandono e a aceitação da condição de figura de ninguém, de alguém que não possui valor.

Indubitavelmente, Bayard traz em seu discurso ao citar situações vivenciadas de racismo, o comportamento de se diminuir frente a essas vivências: *“quando eu resolvo é, não enxergar isso, eu me sinto melhor, mas eu sei que isso não é legal da minha parte, eu tenho que enfrentar”*.

Esse sentimento é descrito por Nogueira (2021), como uma forma de vergonha do enfrentamento. A autora explica que a vergonha que o negro possui de si mesmo, é desencadeada pela marca da imperfeição que o racismo mostra, associando ao corpo a marca daquilo que não é desejado. A cor da pele, vista como um defeito do corpo, para o negro é sempre como algo a tentar ser corrigido. Essa submissão frente ao racismo, pela autora, é uma forma do negro esconder o defeito de carregar em si, uma mancha. Com isso, esse sentimento despersonaliza e transforma o sujeito, o paralisa e o coloca à mercê do desejo do outro.

Em outro momento, o segundo entrevistado fictício faz um comentário que pode ser visto como uma consequência dessa vergonha: *“eu era uma pessoa totalmente tímida na infância, né? Totalmente tímida, né por ser gay, por ser preto, então isso me privou de várias oportunidades, também de conhecer vários grupos”*. Essa vergonha para Sales (2018), não é recalcada e sim, soterrada. O sujeito não pode esquecer, sendo então a vergonha transformada, permanecendo estática, sendo congelada assim como as experiências que foram traumáticas.

Sobre a sua identidade, Bayard vê como uma construção: *“nossa é tão difícil falar sobre esse assunto porque eu me reconhecendo a tão pouco tempo, ainda me faltam palavras né, mas acho que esse é um processo a se construir, é uma construção”*.

O racismo ronda sua existência na condição de um fantasma desde o seu nascimento, ninguém o vê, mas ele existe; embora presente na memória social e atualizado através do preconceito e da discriminação racial, ele é sistematicamente negado, se constituindo num problema social com efeitos drásticos sobre o indivíduo. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais do ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. (SOUZA, p. 16, 2021).

O racismo abala os processos identitários, segundo Gomes (2002), e deixa marcas negativas de si mesmo no indivíduo. Mas para a autora, a construção da identidade é um processo em sociedade e divide em três fatores essa construção: histórico, linguístico e o psicológico. Estes, garantem ao indivíduo características distintas.

Perder a identidade, para Giron e Radünz (2012), têm início com a ausência de individualidade. Historicamente, para os escravos poderem reconhecer a própria identidade, primeiramente precisariam de suas próprias vozes. A escravidão de africanos não teve como resultado apenas a perda da liberdade, mas também a perda de suas identidades e consequentemente, resultou na invisibilidade. A identidade, de acordo com os autores, pode ser vista como uma construção, entretanto, também como uma ação política, resultando em uma ideologia e um patrimônio cultural comum.

Resgatando novamente o conceito de ideal de “eu” de Sigmund Freud (1914/2010) e a contribuição de Souza (2021), esse ideal pode ser entendido como a existência de uma personalidade que é resultado da combinação do narcisismo e da identificação do sujeito com os pais e ideais culturais. Sendo o ideal do eu, que define e constrói um modelo para que o sujeito tente se adequar.

Dessa forma, Bayard trouxe em seu discurso algumas falas a respeito da necessidade de se provar o tempo todo:

“A gente é posto à prova, se a gente é bom realmente né, então acho que a gente tem que tá um pouquinho a mais, do que as pessoas de cor branca, então a gente tem que é, se mostrar mais, ser mais, se colocar a prova mais vezes é, fazer, se for feito três vezes melhor eu vou fazer o dobro né, pra ser percebido por que senão a gente não tem validade”. (BAYARD, 27 ANOS).

Nesse discurso, Bayard faz uma comparação com as pessoas de cor branca, descritas por ele. Nesse caso da comparação, Fanon (1952/2020), descreve que pretos representam comparação. E ser essa comparação, significa que, a todo tempo, pessoas pretas sofrem com a preocupação de se auto validarem e o resgate do ideal de “eu”. Consequentemente, sendo descrito pelo autor que, sempre que ocorre o contato com o outro, surge uma questão de valor, de mérito, fazendo com que o preto tenha a necessidade de se auto afirmar perante o outro.

A partir das elucidações de Fanon (1952/2020), também discorre sobre o reconhecimento, segundo o autor, o negro busca se impor ao outro para que seja reconhecido por ele. Enquanto não acontece efetivamente esse reconhecimento por parte do outro, esse

outro permanece como figura principal de ação. O negro guarda no outro o reconhecimento que depende de seu valor, sendo guardado nesse outro o sentido de sua própria vida.

3.3 ANÁLISE DO DISCURSO DE ROSA PARKS

Uma das primeiras falas que Rosa (terceiro nome fictício da entrevistada) está assim descrita: *“E o fato de não me aceitar como uma pessoa preta era justamente pra ser aceita na sociedade porque grande parte das pessoas que me rodeavam eram pessoas brancas então não faz tanto tempo assim”*. Dessa maneira, reflete como a política do embranquecimento atravessa a população negra. Nesse sentido, Souza (2021) esclarece que por muito tempo as formas de trabalho que eram respeitadas eram as exercidas por pessoas brancas, assim como o fato de ser bem tratado, também significava ser tratado como branco. Diante disso, na tentativa de ser visto como gente, o negro teve que buscar essa ascensão, se assemelhando ao branco, para isso teve que “deixar de ser preto”.

Do mesmo modo, Fanon (1952/2020) em seu livro *“Pele negra, máscaras brancas”* revela em relação a esse fenômeno que, quanto mais o negro se afasta de sua ancestralidade, sua originalidade, quanto mais ele se adapta a cultura, a linguagem, aos costumes dos colonizadores, tanto mais branco ele será e mais aceito como ser humano ele se tornará aos olhos da “civilização”. O negro, nesse sentido, se adapta a uma cultura que não é a sua, pois a sua é dada como inferior, o negro passa a se vestir como branco, a falar no mesmo tom de voz do branco, a falar a mesma língua que o branco, na tentativa de talvez encontrar um lugar para si.

“A partir do momento que eu comecei a, eu comecei a transição capilar, meu cabelo é cacheado, comecei a transição capilar e eu é comecei a colocar trança com uma certa frequência justamente por identidade, é uma coisa que eu gosto pra mim, sabe? Eu percebo a diferença aí no tratamento, parece que quanto mais eu coloco uma característica da identidade negra, mais negra eu sou”. (ROSA, 24 ANOS).

A fala de Rosa reflete como a construção da identidade preta acontece a partir do momento em que o sujeito integra a sua negritude em sua identidade, o que se torna uma tarefa extremamente árdua para a psique do sujeito. Segundo Costa (1992) a história, por muito tempo classificou os negros como um único grupo, sem distinções, sem peculiaridades históricas e culturais e principalmente psicológicas. Logo, podemos perceber no discurso de

Rosa como aceitar a sua origem impacta na forma como os outros (os brancos) a enxergam, quanto mais ela retorna a raízes e costumes negros, mais as peculiaridades da raça são expostas, e vistas pela sociedade branca.

Nesse sentido, outro elemento que podemos verificar no discurso de Rosa, seria uma tentativa, durante muito tempo de padronizar, roteirizar as suas atitudes e falas em direção a um discurso que se entrelaça com a política de embranquecimento que já se sobrepunha em vários aspectos de sua vida, como podemos verificar nesse trecho da entrevista: *“Eu acho que eu ficava um pouco mais é escondida. Justamente por não declarar e ter que ter todo um cuidado. Precisava eh sei lá cumprir um rótulo. Um roteiro eu acho, um roteiro de ah como eu devo agir, como eu devo ser pra ser aceita nessa sociedade”*. (ROSA, 24 ANOS).

Outro ponto relevante do discurso de Rosa seria a relação que ela estabelece com o olhar do outro, em alguns momentos Rosa revela que adotou por vezes um comportamento hiper sexualizado, que tinha como função, obter a atenção do *Outro* e garantir que nesse olhar, o *Outro* encontrasse e validasse algum tipo de beleza, haja vista que assim elucidava *“...ou durante muito tempo também eu me via como uma pessoa sexualizada. E, é eu acho que eu tentava manter aquele rótulo, sabe? Justamente porque é a forma de ganhar atenção, de alguma forma”*. (ROSA, 24 ANOS).

Em consonância com as argumentações de Betts (2007), este nos revela, que a existência do indivíduo passa cada vez mais pela aparência de ser, e para ser reconhecido o sujeito por vezes, acaba revelando detalhes íntimos de sua vida, vale muito mais o parecer ser algo para ser e aparecer dentro de uma sociedade escópica. Lacan (2003), nos mostra que o *Outro* é um lugar, um grande arquivamento daquilo que é dito por todos que foram importantes durante os anos iniciais da vida do sujeito e que, portanto, constroem esse lugar de alteridade do eu consciente, nesse sentido o *Outro* pode ser entendido também como o próprio inconsciente.

Para a autora Souza (2021), o psiquismo do negro em construção, que sente na pele os impasses do racismo, o que importa, muito mais do que o que lhe daria prazer é o que o branco considera desejável ou prazeroso, pois é o branco que se encontra na posição de referência, de dizer e saber o que é bom ou ruim, e desse modo, como o branco não deseja o corpo negro, o seu próprio pensamento irá se encarregar de o fazer inexistir enquanto uma representação mental válida. Para Rosa, além dos roteiros construídos para se posicionar como uma existência válida dentro de uma sociedade estruturalmente racista, restaram, introjetados em seu eu, consequências psíquicas que são carregadas em seu corpo como um

peso em sua existência, como percebemos no seguinte trecho que complementam uma compreensão da dimensão identificatória do sujeito.

“Acho que em relação à autoestima no geral eu acho que isso é um pouco difícil assim de desconstruir sabe? Eu digo melhor, construir. Construir a autoestima praticamente do zero. Então é como se você desaprendesse tudo que você aprendeu até o momento, como ah isso aqui é considerado bonito”. (ROSA, 24 ANOS).

Nesse pressuposto, Souza (2021) traz uma concepção da violência racista praticada contra a identidade negra, como a criação de um abismo no projeto identificatório do sujeito negro. Essa violência exercida através da assimilação compulsória de um ego embranquecido faz com que para que o negro possa transpor esse abismo, ele tenha que sacrificar muito de si, sua felicidade e em geral, a sua própria estabilidade psíquica, conforme enuncia Rosa:

“E eu preciso mostrar que o meu trabalho é bom o tempo todo. Sabe? Eu preciso mostrar que trabalho é meu, eu preciso mostrar trabalho é bom que enfim que eu sei do que eu estou falando o tempo todo que só um certificado só um diploma não basta eh é como se eu precisasse provar realmente que eu tenho esse certificado então não basta eu falar que eu tenho preciso provar que eu tenho ele”. (ROSA, 24 ANOS).

Esse trecho nos mostra novamente os impactos sofridos por Rosa durante a constituição de sua identidade. Mesmo antes de se autodeclarar como uma pessoa negra e estar mais atenta às discussões e repercussões que isso causaria em sua vida, a entrevistada já percebia como o racismo era introjetado em sua vida. Conforme aponta Nogueira (1998) essa posição do negro como desumanizado, e as suas representações corporais existentes hoje são, em suma, uma extensão da herança de uma sociedade escravagista que colocava para o negro como única possibilidade de existência a mão de obra barata, sem valor e sem local e com isso conseguiam introjetar em suas existências a experiência de que algo de fato os limitava, disso pudemos associar as fala de Rosa em que ela se coloca em uma posição de fazer e mostrar o dobro ou triplo do que o branco faz, para assim talvez ter seu trabalho reconhecido.

“Então foi um momento em que eu comecei a conhecer, eu ia buscar um pouquinho mais sobre o assunto, sabe? E eu acho que ela foi uma pessoa que realmente mais me encorajou justamente por me identificar com ela, entende? Então realmente encontrei uma amiga que tem o mesmo tom de pele, que passa pelas mesmas situações e que sabe do que eu estou falando”. (ROSA, 24 ANOS).

Nessas considerações, é possível perceber como ocorre o processo de identificar-se.

Rosa apenas consegue se reconhecer com outro sujeito a partir do ponto em que este outro passa pelas mesmas questões e dúvidas, com as quais ela teve que lidar, mais ou menos como se isso criasse entre ambos uma ligação racial, na qual ela pode apoiar uma identificação. Por analogia, Quinet (2012) nos traz, quando conceituando o pequeno outro que, este se caracteriza por ser parecido com o eu, o eu e esse outro se confundem e projetam um no outro, conteúdos, intenções e pensamentos, é nesse outro que identifico meus traços e nele posso projetar uma inveja daquilo que o outro tem e o eu não, ou ainda uma tentativa de ser igual ao outro.

“Então a partir do momento que você fala, eu vou desconstruir tudo isso é como se fosse tivesse eh indo contra, sabe? Então e até pra você mesmo as vezes é confuso, é como se você tivesse indo contra tudo que você aprendeu, então é difícil desconstruir, é um processo”. (ROSA, 24 ANOS).

Finalmente, a partir dessa fala, e do que foi analisado até aqui, é possível concluir como o racismo exerce uma força psíquica que move o sujeito preto a forçar um embranquecimento, em detrimento de sua identidade negra original, buscando por meio de diversas ferramentas se tornar atrativo, belo para o branco que exerce a posição de quem domina o que é possível em termos de identidades. Sendo possível também, perceber a força que é o movimento contrário a isso, ou seja, o nadar contra a maré branca e dominadora, e a partir de referenciais negros constituir a sua própria beleza, seu próprio corpo, enquanto possibilidade de existência e resistência, formando redes que se contrapõem a dominação branca e colonizadora das psiquês.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, houve alguns obstáculos durante a execução da pesquisa. Ao divulgarmos nas redes sociais em busca de interessados em participar, por solicitarmos somente pessoas autodeclaradas negras/pretas, ocorreu uma dificuldade em encontrar sujeitos dispostos, considerando-se que há muitas pessoas que por conta dos processos de apagamento mencionados ao longo do trabalho, se autodeclararam pardas e não se perceberem como pretas. Houve também empecilhos na procura de materiais que dessem subsídio para a análise, fato que pode ser explicado talvez por uma dificuldade dos pesquisadores em encontrar os termos corretos para a pesquisa, o que pode relacionar-se ao pouco contato com esses materiais durante a graduação.

Nesse sentido, é possível refletir sobre como os brancos, muitas vezes se escondem no discurso do local de fala, não se autorizando a falar sobre o racismo com a suposta ideia de que apenas negros devem mencionar sobre o tema. Sobre isso, Djamila Ribeiro (2017) diz sobre o local de fala ser um lugar de reconhecimento dos papéis sociais e dos privilégios e que cabe ao branco, refletir a respeito das hierarquias e de como seu lugar e posição dificultam a constituição de uma identidade preta, não se configurando como um impedimento a população branca para a discussão do tema.

Ademais, percebeu-se no discurso dos sujeitos entrevistados, o quanto o racismo é presente socialmente e o quanto abala o processo identificatório de um indivíduo. Quanto a isso, a autora Gomes (2022) traz a reflexão sobre como o colonialismo se transformou, mas não deixou de existir. No tocante a esse colonialismo, Fanon (1952/2020) justifica que é um sistema social que tem por função dominar e classificar.

Com essa percepção, pensar na identidade é pensar que ela é construída através das relações sociais. Logo, Gomes (2022) classifica a identidade como um processo ficcional, a identidade é criada para dar sentido para as pessoas e as relações. Esse pensamento se entrelaça com o que é pontuado por Hall (2017), que define a raça como meramente um produto sociológico, ficção. Sendo através de uma marca hierárquica construída historicamente pelo colonialismo, pela qual o racismo se mantém.

Portanto, considera-se que os objetivos dessa pesquisa foram parcialmente alcançados, levando-se em consideração que há diferentes formas de abordagem do tema e a possibilidade de compreensão do discurso do sujeito. A pesquisa não teve como foco comparar os sujeitos e discursos, pois é importante considerar que a identidade é construída no contexto de cada um, não podendo ser vista como equivalente ou comparável. Por conta disso, a investigação não possui conclusões objetivas, por conta de análise ser realizada com pequenos trechos que abrangem alguns minutos da experiência de vida de cada sujeito, o que impede a pesquisa de contemplar em sua totalidade e de forma definitiva a experiência de uma pessoa preta.

Nessa conjuntura, alguns autores falam a respeito da Psicologia e da Educação sobre essa temática. Para Pereira e Silva (2018), faz-se necessária uma reformulação curricular, na educação em geral e que seria importante considerar a formação em Psicologia um espaço para discussões sobre as diversidades. Nesse sentido, Suleiman (2014) contribui a respeito do processo de formação dos professores e de como a Psicologia pode contribuir, evidenciando como se dá a constituição de um sujeito e como essa constituição se relaciona com a cultura, desmistificando preconceitos e estereótipos. Além disso, para que essas reflexões possam

ocorrer, Silva e Oliveira (2021) apontam a respeito da necessidade do engajamento da comunidade acadêmica para uma educação antirracista que promova maior reconhecimento e respeito pela cultura e história da população negra.

Assim, através dos estudos e da escuta das experiências de vida daqueles que sofrem com o racismo diariamente, é que se pode desconstruir preconceitos e estimular as academias a proporem mais pesquisas e reflexões com docentes e discentes sobre a temática. Essas ações permitem o reconhecimento, abrem espaços para a fala e acolhimento a população que, em geral, já é tão violentada pela falta de oportunidades e pelo silenciamento de suas falas e demandas, violências que impedem uma forma de existência, que anulam suas vivências e apagam seus sentimentos, animalizando e sexualizando seus corpos.

À guisa de conclusão, é importante salientar que a pesquisa teve certa limitação de tempo, o que impediu um maior aprofundamento no tema, e a complexidade do método escolhido para a análise dos dados denominado a análise de discurso, entendendo que o discurso parte de uma perspectiva psicanalítica, histórica e filosófica. Com isso, deixamos em destaque a importância de uma psicanálise e uma psicologia antirracista, que possam acolher as dores de um sujeito que passa por tantas violências diariamente, para que possa ser construído um olhar mais empático em relação ao fenômeno do racismo, vivenciado pelos negros e permita ao sujeito um espaço livre e uma escuta ética, que proporcione espaços de relação e construção de vínculos para que esse sujeito possa ter a sua existência validada e respeitada em todos os espaços de convívio e de relacionamento, sem a sombra do racismo que paira em nosso contexto social, reforçando a afirmação de Lacan (1998), haja vista que “Deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”. (LACAN, [1966] 1998, p. 321).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. **A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira**. Editora Senac, São Paulo, SP, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi**. Jorge Zahar Editor, LTDA, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor LTDA. Rio de Janeiro, RJ, 2001.

BETTS, Jaime. A pulsão escópica na contemporaneidade. **Rev. Assoc. Psicanal.** Porto Alegre, Porto Alegre, n. 32, p. 49-65, jan./jun. 2007. Disponível em:

<<https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista32-2.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Metodologia do Censo Demográfico 2010**. 2ª edição, Rio de Janeiro/RJ, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95987.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2021.

_____. Ministério da Justiça. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo, SP, 2020. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf>> Acesso em: 10 de agosto de 2021.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A História do Severino e a História da Severina. Um Ensaio de Psicologia Social**. Editora Brasiliense, Ltda, São Paulo - SP, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª edição, 1986.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil, 2ª Edição, São Paulo: SENAC São Paulo, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. [1952] São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. The Project Gutenberg EBook, São Paulo/ SP, 2010. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>>. Acesso em 03 de maio de 2022.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Neurose, Psicose, Perversão**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes, 1ª ed, 5ª reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto. Invisíveis: negros nas memórias dos brancos. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Vol. 4 Nº 7, 2012. Disponível em: <<https://seer.furg.br/rbhcs/article/view/10471/6816>>. Acesso em 31 de março de 2022.

GOMES, Andrieli Barbosa. **De(s)colonizar a Escuta: possibilidades antirracistas em Psicanálise**. Dissertação de nível de mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação, Florianópolis, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/231235/PPSI0982-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 11 de abril de 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Tese. USP: São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2003. Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf>. Acesso em 30 de março de 2022.

HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. Tradução de Liv Sovik, em colaboração com Katia Santos. **Z Cultural: revista do programa avançado de cultura contemporânea**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%Ef%80%AA/>. Acesso em 11 de abril de 2022.

JÚNIOR, Moisés Rodrigues da Silva. **Racismo, uma leitura**. In: O racismo e o Negro no Brasil: Questões para a Psicanálise. ed. Perspectiva. São Paulo, SP. 2019.

LACAN, Jacques. **Escritos**. [1966], Jorge Zahar Editor, tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro/RJ, 1998.

_____. **O Seminário, livro 11** [1978]. Os 04 conceitos fundamentais da Psicanálise. Segunda edição Brasileira, Rio de Janeiro, 1985.

_____. **Escritos**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

MAIA, Kênia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. O Brasil e a lógica racial: Do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. **Revista Psicologia Clínica**, v.30, n.2, p. 265-286. Rio de Janeiro, 2018

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. Cadernos Penesb, Niterói, RJ. n.12, p. 169-203, 2010.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do Corpo Negro**. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de São Paulo, SP, 1998. Disponível em: <<http://www.ammapsique.org.br/baixex/corpo-negro.pdf>>. Acesso em: 07 de outubro de 2021.

OLIVEIRA, Juliana Augusta Nonato de. **Estudantes Negros Ingressantes na Universidade Por meio de Reserva de Vagas**: Um estudo sobre processos educativos de construção de identidade negra e pertencimento étnico-racial no ensino superior. UFSCar, São Carlos/SP, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2657/5054.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 04 de maio de 2022.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Pontes, 5ª edição, 2005.

PEREIRA, Diogo Fagundes; SILVA, Cristiane Moreira da. Ensino de Psicologia e as Discussões Étnico-Raciais. **Revista Uniabeu**, v. 11, n. 28, p. 162-173, 2018. Disponível em: <<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/2978/pdf>>. Acesso em 31 de março de 2022.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro, ed.1, Zahar, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

ROCHA, José Geraldo. **Qual é a sua Cor?** Ciranda Internacional da Comunicação Compartilhada, Ciranda Afro, 2009. Disponível em: <http://www.ciranda.net/article3163.html?lang=pt_br>. Acesso em 28 de março de 2022.

ROSA, Nayara Paulina Fernandes. **Racismo, Corpo e Trauma na Clínica Psicanalítica**. Almanaque de Psicanálise, Instituto de Psicanálise, V. 14 nº 26, Minas Gerais/MG, 2021. Disponível em: <<http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/corporascis>>. Acesso em 28 de abril de 2022.

RUFINO, Silvana. Uma realidade fragmentada: a adoção inter-racial e os desafios da formação de uma família multirracial. **Revista Katálisis**, vol. 5, nº 1, p. 79-88, 2002. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1796/179618286008.pdf>>. Acesso em 09 de março de 2022.

SALES, Jôse Lane de. **Considerações psicanalíticas acerca do racismo no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2018. Disponível em: <<https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/TESE-Sales-J.L-05-10-18.pdf>>. Acesso em 04 de maio de 2022.

SANSONE, Livio. **Nem Somente Preto Ou Negro**: o sistema de classificação racial no Brasil que muda. Revista Afro-Ásia, p. 165-187, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/20904/13522>>. Acesso em 31 de março de 2022.

SILVA, Consuelo Dorcas. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SILVA, Liliam Ramos da. **A voz do protagonista afrodescendente em romances históricos hispano-americanos**: invisibilidade do texto original e algumas (poucas) obras traduzidas no Brasil. Cadernos De Literatura Em Tradução, 73-88, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115272>>. Acesso em 30 de março de 2022.

SILVA, Marcos Antonio Batista da; OLIVEIRA, Ivani Francisco de. **A relação entre racismo, saúde e saúde mental**: Psicologia e educação antirracista. Quaderns de Psicologia, Vol. 23, Nº.3, e. 1753, 2021. Disponível em: <<https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v23-n3-silva-oliveira/1753-pdf-pt>>. Acesso em 31 de março de 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Prefácios de Maria Lúcia da Silva e Jurandir Freire Costa - 1ª Edição - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SULEIMAN, Bianca Barbosa. **Psicologia e Ensino das Relações Étnico-Raciais**: uma experiência na formação de professores. Relato de práticas profissionais, Psicol. Esc. Educ., 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/FtTLLzYt7bsCDhwV3XXzQ7y/?lang=pt>>. Acesso em 31 de março de 2022.